

**PESQUISA-INTERVENÇÃO NA QUADRA: TRAJETÓRIAS DE ENTRADA EM CAMPO E TRAÇOS DE UMA METODOLOGIA EM CONSTRUÇÃO**

**Milena de Castro Ribeiro<sup>1</sup>**

**Resumo:**

Neste artigo, relato a trajetória de entrada em campo da pesquisa iniciada no Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo, localizado em Fortaleza (CE), no bairro Aldeota, região nobre de grande especulação imobiliária. A metodologia a ser empregada é a pesquisa-intervenção, trata-se de um método que não pré-estabelece regras de orientação para o trabalho do pesquisador. Neste artigo, trarei os relatos dos primeiros momentos de entrada em campo e as pistas já sugeridas pelo objeto, seguindo os teóricos da pesquisa-intervenção Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Regina Benevides de Barros (2009), com estudos balizados pelos autores clássicos da cartografia, Deleuze e Guattari. A ideia é que o caminhar possa mostrar o modo como a pesquisa deverá ser realizada, seguindo o pensamento de Michel de Certeau.

**Palavras-chave:** Metodologia. Pesquisa-intervenção. Rádio poste. Comunicação. Campo.

**Metodologia em construção**

Na minha primeira ida à Quadra<sup>2</sup> para iniciar a pesquisa de mestrado, optei por chegar na hora do programa de rádio do Sr. Chico Cambista, no domingo, dia 25 de maio de 2014, às 9h30. Dessa vez, segui andando pelas ruas, sem ir direto à sede da rádio Centro de Comunicação Alternativa<sup>3</sup>. A ideia agora seria escutar o programa enquanto caminhava pelas

---

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: milenabrasil@gmail.com.

2 O Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo é também conhecido como “Quadra” e está delimitado pela Avenida Virgílio Távora e as ruas Beni de Carvalho, General Tertuliano Potiguara e Vicente Leite, em Fortaleza. É conhecida como “Quadra” por fazer parte de um grande quadrado, formado por dois grandes quarteirões. Muitas vezes é associada ao nome “Santa Cecília”, por estar localizado ao lado do Colégio Santa Cecília. De acordo com o Censo de 2000, residem nesta comunidade mais de 600 famílias, ocupando 444 casas. Atualmente, apesar da imprecisão dos dados, é estimada a presença de mais de 5.000 moradores.

3 Conheço a comunidade desde que me mudei para morar em um prédio localizado a um quarteirão do local, há 20 anos, mas passei a frequentar a comunidade quando iniciei o projeto do jornal “Voz da Quadra”. O jornal surgiu a partir das oficinas de comunicação iniciadas em abril de 2005 por Catarina Mirella e Milena Ribeiro,

ruas e observava o que acontecia ao redor das caixas de som localizadas no alto dos postes, na tentativa de ler o “texto urbano” escrito por aquelas pessoas, praticantes ordinários da cidade, “caminhantes, pedestres, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo” (CERTEAU, 2000, p.171).

Esse “método” de ir a campo surgiu por acaso, assim como todas as outras vezes que fui à Quadra pesquisar, a exemplo da pesquisa sobre as eleições para associação no de 2013<sup>4</sup>. “A história começa ao rés do chão, com passos”, e o ato de caminhar é um espaço de enunciação que gera a apropriação pelo pedestre. Uma realização espacial do lugar que implica relações (CERTEAU, 2000, pgs.176-177).

Também, muito por acaso, no dia seguinte, na aula de mestrado da disciplina Sociologia Urbana<sup>5</sup>, escutei da professora Glória Diógenes algo que me confortou. Ao relatar sua pesquisa sobre a arte urbana em Lisboa<sup>6</sup>, a professora explicou que não tinha definido a metodologia antes de entrar em campo. Ela, simplesmente, andava muito pela cidade e pelo ciberespaço. “Uma metodologia construída a partir do que encontrava” em um campo que não se apresentava como delimitação, explicou. Seria essa uma caminhada que “afirma, lança suspeita, arrisca as trajetórias que ‘fala’” (CERTEAU, 2000, p.179). Era um sinal que eu estava no caminho certo.

E, para completar a coincidência, na mesma aula em que entendi essa entrada em campo, a professora Glória também me apresentou o que chamou de “Antropologia interventiva”, nada mais do que projeto para a minha pesquisa, uma pesquisa que possa “mexer com o lugar”. “Uma prática interventiva em que não se faz apenas uma pesquisa, mas deve-se intervir na cena. Fazer da antropologia uma arte do intervir”, explicou. Esse método

---

então estudantes de jornalismo na UFC, durante a disciplina “Jornalismo Comunitário”, ministrada pela professora Márcia Vidal. Participavam do jornal cerca de 8 jovens da Quadra, com idades entre 13 e 19 anos. O jornal permaneceu na ativa por seis anos, entre 2005 e 2011. Desde então, já fui escutar o programa do Sr. Chico Cambista outras vezes, mas ficava sentada na cadeira ao lado do locutor.

4 A pesquisa, realizada entre março e julho de 2013, resultou em artigo que analisou o papel da rádio comunitária Centro de Comunicação Alternativa durante o período eleitoral para a Associação Comunitária da Quadra. De autoria desta pesquisadora e de Ana Karolina Cavalcante Assunção (mestranda em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense - UFF), o artigo foi apresentado no congresso internacional VIII ULEPICC, de 10 a 12 de julho de 2013, na universidade Nacional de Quilmes (Argentina).

5 Disciplina do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, em que participei no primeiro semestre de 2014 pelo mestrado em Comunicação da mesma universidade.

6 Ver sobre a pesquisa no blog [www.antropologizzando.blogspot.pt](http://www.antropologizzando.blogspot.pt)

dialoga muito com as ideias que estão sendo apresentadas para minha pesquisa pela professora-orientadora Catarina Oliveira.

A metodologia a ser empregada na análise do meu projeto será a pesquisa-intervenção, trata-se de um método que não pré-estabelece regras de orientação para o trabalho do pesquisador. As metas são definidas durante a trajetória da pesquisa, através de pistas dadas pelo próprio objeto ao pesquisador. Este método também procura ampliar a postura interpretativa e traz discussões sobre o processo de intervenção, desde sua discussão proposta pela pesquisa-ação, pesquisa participante e cartografia.

Os autores de “Pistas do Método da Cartografia” buscaram referências no conceito de cartografia apresentado na introdução da obra “Mil Platôs”, de Deleuze e Guatarri, e , através de uma decisão metodológica, não objetivam uma totalização e não buscam representar pensamentos, mas acompanhar percursos. “Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (PASSOS&BARROS, 2009, p.10).

Passos e Barros (2009) entendem pesquisa-intervenção como um método que:

[...] pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos [...] não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados (PASSOS, BARROS, 2009, p.17).

E assim como diante das várias entradas da Quadra, escolho uma para caminhar, nos rizomas de Deleuze & Guatarri, não existe apenas uma entrada, são várias as maneiras de experimentação. E por acreditar que o método e regras pré-estabelecidas não precisam ser definidas antes de iniciar a trajetória da pesquisa, é que vejo a “pesquisa-intervenção” como uma opção que deve orientar meus rumos com um não-guiar. Independente do nome, é isso que quero fazer, experimentar e deixar um fruto dessa pesquisa no meu objeto. Não só um

calhamaço de papéis em uma biblioteca, mas algo que fique naquele lugar que vou me dedicar a pesquisar durante esses anos.

## **Entrada em campo**

Lembro que quando fui escrever meu projeto de pesquisa para a seleção de mestrado<sup>7</sup>, trouxe muitas discussões sobre uma falta de atitude dos moradores da Quadra. Na época, não entendia os motivos pelos quais os moradores não se engajavam mais nas lutas da comunidade e a pouca participação deles na rádio poste da comunidade. Questionava esse silêncio e comparava a situação atual com a época em que os moradores resistiram e lutaram pela continuidade da comunidade. Naquela época, grupos de moradores formaram uma rádio, jornais, na vontade de falar, de mostrar quem eles eram. Hoje, eles querem ainda manter suas casas onde estão, mas o envolvimento com as questões comunitárias continuaria? Como eles manifestam suas inquietações? Como é a participação dos moradores em tão importante veículo de comunicação presente na comunidade, a rádio poste?

A minha hipótese girava em torno da ideia que eles não tinham mais esse “espírito de comunidade”, não se envolviam mais, apenas queriam ficar calados para que os moradores do entorno, na maioria classe média em um bairro com grande valorização imobiliária, não os percebessem ali. Mas, em conversa com os jovens que conheci na época do jornal comunitário, entendi que aqueles moradores não eram exatamente passivos.

Jacques Rancière (2010), em “O Espectador Emancipado”, propõe a igualdade das inteligências e questiona: por que assimilar escuta à passividade? Os termos passivo e ativo podem mudar de posição e sentido. A emancipação começa “quando se compreende que olhar é uma ação e ser espectador não é necessariamente uma condição passiva”. “O espectador também age, como o aluno ou o cientista. Observa, seleciona, compara, interpreta. Liga o que vê com muitas outras coisas que viu noutros gêneros de lugares” (RANCIÈRE, 2010, p.22):

---

7 No projeto apresentado ao mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, explicitava a pretensão de investigar, através de um estudo de recepção com os moradores do Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo, as várias mediações que permeiam a relação dos habitantes da comunidade com a rádio poste Centro de Comunicação Alternativa. A proposta de estudo apresentada seguia o caminho traçado na pesquisa de monografia de conclusão de curso, realizada em 2007, em que foi investigado o olhar dos jovens sobre a Quadra.

O poder comum aos espectadores não tem a ver com a respectiva qualidade de membros de um corpo coletivo ou com qualquer forma específica de interatividade. É antes o poder que cada um ou cada uma tem de traduzir à sua maneira o que percebe, de ligar o que percebe à aventura intelectual singular que os torna semelhantes a todos os outros na medida em que essa aventura singular não se assemelha a nenhuma outra. Este poder comum da igualdade das inteligências liga os indivíduos entre si, fá-los proceder à troca das suas atividades intelectuais, ao mesmo tempo que os mantém separados uns dos outros, igualmente capazes de utilizar o poder de todos para traçar o seu caminho próprio (RANCIÈRE, 2010, p.27).

O pensamento de que aquele veículo não era mais importante para a comunidade, que estava ultrapassado, que as pessoas ligavam os sons das suas casas muito alto e que ninguém queria mais escutar e nem participar daquela rádio começou a ser questionado. E entendi, através de Rancière, que “uma comunidade emancipada é uma comunidade de contadores e tradutores” (RANCIÈRE, 2010, p.35).

Na última visita a campo, realizada no domingo, dia 25 de maio de 2014, consegui ter um outro olhar sobre aquela situação. Ao andar pela comunidade, percebi como a rádio estava presente em todos os lugares. As caixas, equilibradamente distribuídas em vários pontos, possibilitavam escuta em quase todos os espaços. Por que não considerar aquele movimento nas ruas na hora do programa como “usos da rua”? Fraya Frehse (2009), no texto de mesmo nome, sintetizar “comportamentos corporais e formas de sociabilidade” como a passagem, a permanência ou o ajuntamento de indivíduos. A rádio poderia ser um vínculo entre os indivíduos que estavam caminhando na rua naquele momento, estaria implícito nessa convivência (FREHSE, 2009, p.153-154).

Quando entrei na Quadra, vi muitos idosos sentados nas salas, próximos às portas ou mesmos nas calçadas. Imaginei que sim, eles poderiam estar acompanhando o programa. E quantos idosos havia naquela comunidade! Eu que já tinha concluído que a comunidade era repleta de meninos no meio da rua, porque de fato é, me surpreendi com a quantidade de idosos. E o primeiro idoso que vi foi um senhor que já conhecia de vista, morador da casa 864 na Rua General Tertuliano Potiguara. Certa vez ele foi à rádio pedir uma música quando eu estava acompanhando o programa lá. É audiência conhecida do Sr. Chico, que havia me confidenciado que todo programa ela tinha que tocar uma mesma música e oferecer àquele senhor, caso contrário ele ia lá reclamar. E eu presenciei essa cena, nesse dia o tal senhor

chegou na rádio cobrando a música, mas o Sr. Chico disse que já tinha tocado, tinha sido uma das primeiras. Ele aceitou, contrariado. Nesse último domingo, o senhor parecia bem debilitado, sentado em um sofá, dentro de casa, mas balançando o pé.

O programa do Sr. Chico é assim, é feito para os idosos da Quadra recordarem os velhos tempos. “Recordar é viver” completou no dia 12 de junho de 2014 seus 19 anos de idade. “Um programa que luta pelo bem-estar da comunidade”, entoava o animado locutor. Ainda caminhando pela Quadra, escutei Sr. Chico avisar que, depois de mais de 20 anos de luta pela cobertura do salão (espaço utilizado pelos moradores para fazer festas e eventos, antes, um espaço a céu aberto, com parede ao redor), este ano, finalmente, a obra estava em andamento e seria concluída no mês seguinte, através do apoio de um parlamentar que mora perto da Quadra. Ele teria feito o projeto que foi aprovado, tudo com o “desejo de ajudar a comunidade”. Depois, Sr. Chico falou de outras pessoas que fizeram uma corrente forte para realizar esse sonho. Entre eles, o atual presidente da associação de moradores, Augusto<sup>8</sup>, que, “através de contatos com autoridades”, conseguiu esse projeto. “E vem mais por aí”, alerta Sr. Chico na rádio ao afirmar que o presidente está lutando por um poço profundo para a comunidade. “Um chafariz”. E, ao final, diz que a reforma na rádio e na associação também devem ser feitas após a inauguração do salão, em junho<sup>9</sup>.

## **A rádio poste**

A rádio poste Centro de Comunicação Alternativa tem a mesma estrutura física de quando começou em 1993, com o nome de Rádio GAC - Grupo de Apoio Comunitário. Os equipamentos foram trocados uma vez, por uma mesa de som mais “moderna” na época, mas que hoje não passa de uma mesa velha com um equipamento de leitor de DVD<sup>10</sup> e um

---

8 Augusto foi candidato a vereador nas últimas eleições de 2012. Não obteve êxito, mas nas eleições da associação dos moradores em maio de 2013, teve a chapa vitoriosa ao lado do Sr. Chico Cambista que se candidatava pela primeira vez.

9 O salão foi concluído em junho, mas a inauguração ocorreu apenas no final de julho, pois era aguardada a presença do prefeito e políticos da cidade, que compareceram. Enquanto isso, os moradores curiosos pulavam os muros do salão para ver a obra.

10 O aparelho de DVD foi trocado recentemente, por um mais moderno vendido pelo próprio Zequinha. Presenciei o primeiro dia em que Sr. Chico estava usando o aparelho. Depois de encontrar dificuldades em passar as músicas, ele solicitou minha ajuda. Comecei a pensar em uma oficina relacionada a isso.

microfone igualmente velhos. As caixas de som espalhadas pela comunidade são ainda mais resistentes ao tempo. As mesmas desde a criação da rádio, idealizadas pelo morador e um dos integrantes do então GAC, Zequinha. Ele montou as caixas, instalou a rádio e até hoje faz a manutenção delas.

Na caminhada pela Quadra, escuto ainda algumas músicas, anúncio sobre as inscrições do casamento e batizado comunitários, elogios do Sr. Chico a um café da manhã para idosos, realizado por jovens da comunidade em parceria com um dos comércios. “É assim que a gente convive em comunidade, cada um faz a sua parte. Todos juntos podemos fazer algo de bom para nossa comunidade. É assim que a gente pode ter uma comunidade fraterna, amiga, quando faz algo por alguém”, ecoa a voz do Sr. Chico pela Quadra.

E foi com essa mesma proposta, de fazer algo pela comunidade, de ajudar a associação de moradores que o grupo formado por seis jovens, no ano de 1993, teve a ideia de formar a rádio. No início, a empolgação era grande e assustou os moradores com tantos programas, um seguido do outro, e com muita “gritaria”, como narra moradores que acompanharam na época<sup>11</sup>. Hoje, a rádio continua a mesma fisicamente, funcionando do mesmo jeito e movida pela empolgação de uma pessoa, Sr. Chico Cambista. Responsável por ir todos os dias fazer os anúncios, pagos pelos comerciantes da Quadra, dinheiro que mantém a estrutura, e apresentar seu programa todos os domingos de manhã.

A prometida reforma na rádio parece dar ainda mais empolgação para aquele homem. Na caminhada pela comunidade, por todas as ruas estreitas, observei alguns carros sendo lavados, pessoas estendendo roupas, algumas casas com som alto tocando música, crianças brincando. Após a caminhada, fui ao encontro do Sr. Chico na rádio. A princípio me assustei com a porta fechada, depois vi que ele estava no meio da rua conversando com uma moradora. Ao retornar, nos cumprimentados e recebi o convite para entrar. Ele contou sobre a conclusão da obra do salão e a possibilidade de reforma, compra de equipamentos, inclusive um computador.

---

11 Sobre o início da rádio ver artigo escrito por esta pesquisadora intitulado “Rádio GAC: uma análise da participação dos moradores da Quadra no processo de criação da rádio poste”, publicado nos anais do XII Congresso Latino-americano de Investigadores da Comunicação, realizado de 6 a 8 de agosto de 2014, em Lima (Peru).

Na tentativa de deixar a conversa mais espontânea, não liguei o gravador. Erro meu, porque foi um diálogo importante para esse início em que decidi realizar uma pesquisa-intervenção e estou justamente buscando respostas do meu objeto de pesquisa, para que ele me mostre como eu, a pesquisadora, poderei intervir no campo. Acredito, assim como escutei, ainda naquela reveladora aula da professora Glória Diógenes, que o trabalho de campo pode criar uma energia, mobilizar e contaminar o campo. “Um aprendizado que se faz com a presença”, como ela explicou ao relatar sua pesquisa em movimento.

Ao ser alertada sobre a mudança na rádio, escutei Sr. Chico falando que seria um divisor de águas. Ele falou que iria registrar a rádio antes e depois dessa reforma. Coloquei-me à disposição para ajudar, fui convidada para a inauguração do salão (não pude comparecer, pois estava participando de um congresso). Ainda não havia sido tocado no assunto de possíveis oficinas ou alguma ação que poderia fazer, como eu esperava. Mas, acredito que esse campo me possibilita sim uma ação. Citei até que, com a mudança, os jovens poderiam ser atraídos para a rádio, ele concordou. Tive que sair, porque ele ainda ia finalizar o programa.

Em uma segunda visita, realizada no dia 24 de agosto, chego às 9h30, como de costume, e resolvo entrar na Quadra pela Av. Virgílio Távora. Ando em direção à rádio. Na Rua da Alegria, vejo o Sr. Zequinha sentado em uma cadeira de balanço embaixo de uma caixa de som, em frente a sua casa (onde funciona um mercadinho). Passo para a rádio, vejo que a mesma encontra-se fechada com cadeado. Volto e vou falar com Sr. Zequinha. Pergunto pelo Sr. Chico, se vai ter programa. Ele diz que já era pra ter começado, mas que o Sr. Chico deve estar a caminho. Puxo uma conversa, perguntando como estão as caixas de som. Sr. Chico passa, cumprimenta e diz que o programa vai atrasar um pouco. Continuo uma conversa com Sr. Zequinha que iria durar toda a manhã, até o fim do programa do Sr. Chico (que não escutamos).

Foi uma conversa reveladora, ouvi muitas histórias sobre o início da comunidade e entendi as discordâncias existentes entre o Sr. Chico Cambista e o Sr. Zequinha em relação ao modelo de gestão da rádio. Zequinha foi personagem fundamental na criação da rádio poste, na época, em 1993, ele tinha por volta de 20 anos e era o membro mais velho do então grupo

GAC. E, por ser o único que trabalhava, conseguiu investir dinheiro e colocar a rádio para frente.

Ele relatou a importância do uso da rádio na divulgação de apelos e pedidos de ajuda pelos moradores, como no caso de doações em dinheiro para enterrar algum morador. Sr. Zequinha explicou que criou a rádio para que quando ele próprio precisasse de dinheiro para seu enterro, pudesse ter a rádio como um espaço que buscava ajuda. Mesmo reconhecendo que ele não tem essa necessidade, disse que gostaria muito de ter o apoio da rádio e da comunidade. E que isso não seria vergonhoso. Esse seria um grande orgulho da comunidade, ter um veículo que sirva para ajudar.

Outro aspecto interessante percebido na conversa foi que hoje, apesar de discordar com a forma de administração da rádio pelo Sr. Chico Cambista, segundo Zequinha, “de forma autoritária e sem aproximar a rádio dos jovens”, eles mantêm uma relação boa. Zequinha disse que ainda hoje recebe cerca de R\$50 por mês para manutenção das caixas de som e equipamentos. Ele se mostrou preocupado com a falta de renovação na rádio e, ao mesmo tempo, disposto e interessado em passar seus conhecimentos para outras pessoas. Explicou que devido a uma doença, não podia mais ser tão atuante na comunidade, como foi quando participou do GAC e da liderança comunitária, mas que acompanhava tudo, com muita vontade de agir.

Durante a conversa, ele apontou para um jovem que, segundo sua avaliação, tinha muito interesse e poderia ter um futuro na rádio, mas que Sr. Chico não se interessou na participação dele. Foi relatado um certo temor do Sr. Chico quanto ao uso da rádio para fins religiosos, principalmente da religião evangélica. De acordo com Zequinha, “o jovem gosta de fazer as coisas, mas ele tem que ser convidado, motivado, incentivado” e que isso não acontece na rádio. A questão dos equipamentos antigos também foi levantada como impedimento da aproximação dos jovens. Segundo ele, foi ofertado um computador novo para a rádio, mas não foi aceito, pois seria doado por um político que não era do grupo apoiado pelo presidente da associação.

O papel da rádio para aquela comunidade foi ressaltado por Zequinha, ele contou que a própria associação de moradores já parou de atuar, por cerca de 1 ano, mas a rádio nunca, sempre esteve funcionando na comunidade. E que a prova de que todos gostam da rádio é ter

as caixas de som ainda funcionando, desde a época da criação. O programa do Sr. Chico acaba e nos despedimos, após longa conversa, com a intenção de nos encontrar novamente, quem sabe para planejar alguma ação. Quem sabe uma oficina de como fazer caixas de som artesanal, como as da rádio, ministrada pelo próprio Zequinha?

## **Conclusão**

Com a proposta de reforma da estrutura física e a sugestão de um dos idealizadores, Sr. Zequinha, de aproximar os jovens da rádio, abriu-se uma porta para que talvez aconteça uma grande mudança que pode alterar os rumos daquele veículo. Isso não poderia acontecer em melhor hora, logo agora que decidi encarar o desafio de fazer uma pesquisa intervenção. Percebo que esse sempre foi o tipo de pesquisa que me realiza, desde a época em que, após as oficinas do jornal na comunidade, adquiri uma entrada e decidi pesquisar por lá.

Entendo que esse momento de renovação da rádio, com a reforma e novos equipamentos, será um processo bem interessante para acompanhar não só para relatar essas mudanças, como também uma oportunidade de intervir e responder a uma demanda da própria comunidade. Passos, Kastrup e Escócia, no livro “Pistas do Método da Cartografia” questionam “como investigar processos sem deixá-los escapar por entre os dedos”. Esse será um desafio. Por enquanto, continuo em campo, ainda não foi definido o que será realizado, mas aos poucos já é possível entender esse novo contexto e, ao escutar as histórias e opiniões dos próprios moradores, vou entendendo o que é preciso realizar naquela comunidade. E, a cada visita que faço, me sinto mais perto dessa definição.

Em seu texto sobre a etnografia nas ruas de Lisboa, Glória Diógenes concorda com a afirmação de Agier de que o campo é “construído pelas relações que se pode ter” (DIÓGENES, 2011, p.37). E que “a pesquisa é feita de encontros, conexões, simpatias”. Espero que, através dessa conexão com a Quadra, eu possa continuar a entender o que o campo quer de mim e que, ao final, possa concluir uma pesquisa cheia de realidade, que de concreto não seja apenas o papel impresso, mas que eu possa relatar acontecimentos reais vividos por eles e em mim.

# 10<sup>o</sup> interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

## Referências

CERTAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2000.

DIÓGENES, Glória. **Entre cidades materiais e digitais**: Esboços de uma etnografia dos fluxos da arte urbana em Lisboa. Capítulo 15. *In prelo*, 2014.

FREHSE, Fraya. Usos da Rua. In: Fortuna, C.; Leite, R. P. (Orgs.). **Plural de Cidade**: Novos Léxicos Urbanos. Coimbra: Almedina, 2009.

PASSOS, Eduardo ; BARROS, Regina Benevides de. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E., KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.